

**PROPOSIÇÕES VAGANTES: SULEANDO CONTEXTOS NA CIDADE DO RIO
GRANDE A PARTIR DA ARTE E DA CARTOGRAFIA**

***Eixo Temático ET 15 - Formas de Viver e Desejar na Arte e na
Geografia: Perspectivas para pensar Corpo, Gênero e Sexualidade***

Bianca de Oliveira Lempek De-Zotti ¹
Raquel Andrade Ferreira ²

RESUMO

A partir do encontro da arte e da cartografia, a presente pesquisa objetiva investigar possibilidades de compreender aspectos de um lugar específico através do fazer artístico: o caminhar, o olhar, a experiência e o afeto fazem parte de uma prática de Sulear contextos. Sulear possui um potente sentido político que questiona as relações de poder estabelecidas. A partir dessa ótica, no contexto desse trabalho, o sulear direciona o olhar ao município do Rio Grande, Rio Grande do Sul, na busca de representar aspectos característicos do lugar e refletir sobre novos modos de habitá-lo a partir do sensível. Por fim, espera-se que essa cartografia artística e afetiva possa transformar e reinventar os modos de existir e potencializar as representações simbólicas do espaço e de quem ou o que o habita.

Palavras-chave: Cartografia; Afeto; Sulear; Arte.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa³ traz o conceito de “Sulear” para explicar as questões políticas que cercam a cartografia, a fim de investigar as suas possíveis relações com a arte. Uma vez que nortear significa encontrar um caminho, ou seja, o “Norte” como

¹ Graduando do Curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, biancadezotti26@gmail.com;

² Professora orientadora: Doutora em Artes Visuais - IFRS, raquel.ferreira@riogrande.ifrs.edu.br.

³ A pesquisa é vinculada ao Grupo de Pesquisa Humanizar o Humano: Arte, Corpo, Linguagem e Meio ambiente, com apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Tecnológica e de Inovação PROBITI/IFRS/Fapergs

protagonista de uma busca ou encontro, Sulear significa trazer o Sul como protagonista.

Assim, os trabalhos “Itinerário Literário” e “Deriva” buscaram direcionar o olhar ao município do Rio Grande, Rio Grande do Sul, na busca de representar aspectos característicos do lugar, refletir sobre novos modos de habitá-lo a partir do sensível e investigar como os elementos da paisagem atravessam a produção artística daqueles que o habitam.

Para isso, a cartografia foi utilizada como método, baseado na experiência e na subjetividade durante o processo de mapeamento do espaço. Em síntese, espera-se elaborar formas de apresentação e partilhas das experiências que não se restrinjam apenas à materialidade de objetos a serem expostos, mas que levem em conta o processo de criação. Dessa forma, o caminhar e o olhar propulsionam uma reflexão que conecta contextos, espaços, e relações subjetivas por meio da arte.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Como metodologia, foi utilizada a cartografia de acordo com os métodos contemporâneos, baseados na experiência e na subjetividade durante o processo de mapeamento do espaço, e não em regras e protocolos precedentes. No campo da arte, os instrumentos da cartografia auxiliam o artista pesquisador a processar suas reflexões e práticas porque não são imbuídos de uma fixidez. Virgínia Kastrup em “Pistas do Método da Cartografia” revela que:

A cartografia é um método formulado por Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995) que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção. De saída, a idéia de desenvolver o método cartográfico para a utilização em pesquisas de campo no estudo da subjetividade se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas para serem aplicadas. Não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim. A cartografia é sempre ad hoc. Todavia, sua construção caso a caso não impede que se procurem estabelecer algumas pistas que tem em vista descrever, discutir e, sobretudo coletivizar a experiência do cartógrafo. (KASTRUP, 2009, p. 32)

Conforme Suely Rolnik (2016) em “Cartografia Sentimental”, o artista-cartógrafo constrói as regras de um jogo, que é subjetivo e aberto à proposição. Nesse jogo, a cartografia é desenhada e toma forma conforme o cartógrafo percorre o território. Por isso, segundo a autora, a cartografia se diferencia do mapa, uma representação estática, pois a cartografia “é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem.” (ROLNIK, 2016,

p.23). Para Rolnik (2016), a cartografia acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Marquez (2014), todo mapa reflete o um ponto de vista cultural, traçando o mundo a partir das relações do lugar de onde é visto. Dessa forma, a cartografia é um modo de construir o mundo que revela uma posição social resultante de processos culturais e históricos, transformando-se a partir dos contextos. Para Marina Camargo, “Um mapa é um documento de seu tempo, um registro das decisões tomadas por quem desenhou o mapa, ou seja, fruto de um contexto cultural, temporal, histórico e social.” (CAMARGO, 2022, p. 560). Conforme a artista, a cartografia estrutura um modo de pensar os lugares e espaços, por isso é necessário criar um pensamento cartográfico que possa desestabilizar ordens e narrativas estabelecidas do mundo.

O mapa como relato, para Marquez (2014), reflete a ampliação da cartografia como uma experiência múltipla, diversa, subjetiva, capaz de inventariar a qualidade poética da vida e que, no contexto atual, é uma possibilidade para criar novas sensibilidades perceptivas, novos mundos estéticos e novos movimentos prospectivos de transformação imaginativa do espaço. Nesse sentido, a autora argumenta que, se mapear é instrumentalizar o mundo, essa ação possui uma margem de desobediência que se constitui como um desafio por conta da complexidade de conter, ou representar, um espaço que possui múltiplas camadas de significação e de relações. “Tal margem mina a estabilidade do mapa enquanto relato que se pretende inventário do mundo.” (MARQUEZ, 2014, p.27)

Essa desobediência cartográfica pode ser entendida através da obra América Invertida, de Joaquín Torres Garcia, que propõe um reposicionamento do Sul, onde este não mais ocupa uma posição inferior ao Norte. A apresentação do mapa da América do Sul invertido opõe-se à imagem comumente representada no mapa-múndi universal, contrariando a projeção dos mapas de Gerardus Mercator. O artista, em contraposição às convenções que carregam significados políticos colonizadores, relata:

Por isso agora colocamos o mapa ao contrário, e então temos a exata ideia da nossa posição, e não da maneira que o resto do mundo quer. A ponta da América, a partir de agora, prolongando-se, marca insistentemente o Sul, o nosso norte. Igualmente nossa bússola: se inclina irremissivelmente sempre para o Sul, em direção ao nosso pólo. Os navios, quando partem daqui, baixam, não sobem, como antes, para viajar ao norte. Porque o norte agora está abaixo. E o leste, se estamos de frente para o nosso Sul, está à nossa esquerda. Esta retificação era necessária; por isso agora sabemos onde estamos. (TORRES-GARCÍA, 1984, p. 193).

Assim, o pressuposto de Sulear contextos a partir da arte produzida no sul do Brasil ilustra a continuidade de uma desobediência cartográfica como de Torres-García, tanto quanto ilustra o desejo, na contemporaneidade, de dar a ver aspectos de um lugar específico, com características diferenciadas do restante do país e do mundo. No contexto da presente pesquisa, a ideia de Sulear implica em investigar as possíveis relações entre a arte com o lugar que habitamos, e como essa relação atravessa não apenas nosso fazer artístico, mas também nossa constituição enquanto sujeitos.

Como exemplo de possibilidade de relação entre arte, geografia e cartografia, é possível pensar sobre o músico Vitor Ramil, que desenvolveu o conceito de “estética do frio”, ao refletir sobre como o espaço, a situação geográfica, a paisagem, a cultura e a história social e política do Estado do Rio Grande do Sul influenciam a identidade artística gaúcha. A estética do frio originou-se a partir de uma sensação de não pertencimento, como se o Rio Grande do Sul fosse uma realidade à parte do restante do Brasil. Essa sensação, compartilhada por muitos gaúchos, pode ser explicada por diversos fatores, como a forte presença dos imigrantes italianos e alemães, o clima frio, de estações bem definidas, além da fronteira com o Uruguai e a Argentina, que faz com que o Estado sofra influências culturais desses países. Para Ramil, “não se poderia encontrar em outra região do país, como ainda hoje não se pode, um povo mais ocupado em questionar a própria identidade que o rio-grandense” (RAMIL, 2009, p.11).

Dessa forma, a pesquisa propõe investigar a cartografia como uma possibilidade de entrar em contato, identificar e se relacionar com as particularidades do lugar e da região que habitamos, especificamente o município do Rio Grande, e como a arte pode oferecer novos movimentos de transformação do espaço.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das questões e reflexões tecidas pela pesquisa, o projeto teve como objetivo investigar as relações entre arte e cartografia na paisagem do município do Rio Grande. Se nortear significa encontrar um caminho, ou seja, o “Norte” como protagonista de uma busca ou encontro, quando falamos em Sulear buscamos trazer o Sul como protagonista. Nesse sentido, encontramos na arte uma forma de cartografar esse Sul, que representa os aspectos geográficos, paisagens, afetos, e como todos esses elementos atravessam a produção artística daqueles que o habitam. A frase de Torres-García, “Agora sabemos onde estamos”, nesse contexto, significa encontrar, através da arte, os caminhos para expressar nossa relação com o território. Portanto, os trabalhos nasceram a partir do encontro entre a arte e a cartografia, tendo como ponto de partida o afeto: experiências e percepções sensíveis que buscam novos modos de ver a paisagem, bem como novas formas de se relacionar com o espaço público e com o entorno do município do Rio Grande.

Foi desenvolvida uma produção audiovisual intitulada “Itinerário Literário”⁴, produzida por Bianca De-Zotti, Fernando Rocha e Leandro Castro em parceria com a Concha Editora⁵. Aliando a literatura local com a paisagem da cidade, o projeto realiza uma cartografia literária ao longo de sete vídeos, passeando pelos espaços da cidade do Rio Grande. O catálogo da editora atualmente conta com nove livros escritos, em sua maioria, por autores riograndinos que movimentam o cenário cultural do município do Rio Grande. O “Itinerário Literário” buscou explorar possibilidades de relação entre a paisagem e a produção literária riograndina, tecendo reflexões sobre como o território pode influenciar a produção da arte local.

Figura 1: Itinerário Literário

⁴ Link para assistir o trabalho “Itinerário Literário”:

<https://drive.google.com/file/d/1ngFRG8tATBku2thMqS61GDgCsL71ObfZ/view?usp=sharing>

⁵ Concha é uma editora independente localizada em uma cidade do extremo sul do Brasil, Rio Grande, RS, que colabora com a cena literária ao sul do Brasil e incentiva escritores a desenvolver projetos artísticos que expressem o potencial criativo autoral e encontrem leitores. A Concha também oferece cursos, oficinas e consultorias, e promove eventos de divulgação literária.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,



Print do vídeo Itinerário Literário. Foto de Bianca De-Zotti e Fernando Rocha. Registrado em Dezembro de 2020. Fonte: Concha Editora - <https://www.instagram.com/conchaeditora/>

Figura 2: Itinerário Literário



Print do vídeo Itinerário Literário. Foto de Bianca De-Zotti e Fernando Rocha. Registrado em Dezembro de 2020. Fonte: Concha Editora - <https://www.instagram.com/conchaeditora/>

Além do “Itinerário Literário” também foi desenvolvida uma série fotografias na Praia do Cassino, RS. As fotografias sofreram intervenções através de ferramentas do design gráfico vetorial, utilizando o programa “CorelDraw”. As imagens são acompanhadas de breves frases poéticas, que foram geradas a partir de um jogo proposto por Francesco Careri, na página 23 do livro “Walkscapes”, onde o autor sugere

proposições cartográficas em três colunas de palavras que podem ser combinadas aleatoriamente.

Esses registros buscaram representar aspectos característicos da Praia do Cassino a partir da imersão com os elementos do espaço: o vento forte, o mar, o pôr do sol no céu azul, as conchas, as pegadas na areia, além das experiências que despertam sensações e reflexões, e que nos levam a desenvolver uma afetividade com o espaço. Entretanto, não é possível captar e reproduzir através da arte a experiência completa, os diversos sentidos que foram ativados ao longo do percurso, os atravessamentos e encontros que a paisagem proporciona: os sons, gostos, cheiros, pensamentos, ruídos, acontecimentos efêmeros, banais ou significativos. Por isso, reiteramos que a cartografia se expande para além da materialidade de objetos artísticos, mas também para o registro das experiências sensíveis na paisagem, que trazem à tona o processo de criação.

Figura 3: “Pisotear um deserto, perseguir rastros”



Série de imagens intitulada “Deriva”, por Fernando Rocha e Bianca De-Zotti.

Registrado em Julho de 2021.

Figura 4: “Construir um território, atravessar uma relação”



Série de imagens intitulada “Deriva”, por Fernando Rocha e Bianca De-Zotti.

Registrado em Julho de 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, por meio de situações propositivas, dispositivos poéticos, junto a expedições, foram evidenciados outros pontos de vista sobre os locais cartografados, permitindo que as afecções artísticas pudessem revelar uma perspectiva sensível sobre espaço público do município do Rio Grande. As cartografias realizadas direcionaram o olhar a uma cidade do extremo Sul do Brasil, apresentando contextos e aspectos característicos desse lugar para representá-lo através da arte. Nesse sentido, o caminhar e o olhar propulsionam uma reflexão que conecta contextos, espaços, e relações subjetivas. A observação destes contextos implica, sobretudo, em transformar e reinventar os modos de existir e potencializar as representações simbólicas do espaço e de quem ou o que o habita.

REFERÊNCIAS

- CAMARGO, Marina. CARTOGRAFAR MAPAS: Entrevista com Marina Camargo. Revista Píxo. V. 6, N. 21 (2022). Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/article/view/22929>, acesso em Agosto de 2022.
- CARERI, Francesco. Walscapes. O caminhar como prática estética São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2013.
- HARLEY, John Brian. Deconstructing the map. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/2027/spo.4761530.0003.008>>, acesso em Julho de 2022.
- MARQUEZ, Renata. O mapa como relato. In: Ra'e Ga: o espaço geográfico em análise, v.30. Curitiba: UFPR, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/36082>, acesso em Agosto de 2022.
- RAMIL, Vitor. A estética do frio. Porto Alegre: Satolep, 2004.
- REY, Sandra. Três Instâncias metodológicas da pesquisa em arte. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/27713>, acesso em Agosto de 2022.